



JOAQUIM AZEVEDO > Por Juliana Caixeta, Ricardo Coelho & Rafael Voigt

Joaquim Azevedo é Professor da Universidade Católica Portuguesa (Portugal)

O panorama contemporâneo da educação profissional em Portugal: conquistas e desafios

EPCT | *Como se organiza a educação profissional em Portugal?*

Hoje o ensino profissional técnico tem três grandes vertentes: uma vertente mais escolar, outra menos escolar e mais ocupacional, como se costuma dizer, e outra vertente mais social. Em Portugal, o aluno tem uma formação básica de nove anos, a partir da qual começa a formação mais especificada, o ensino secundário. Até o 9º ano o currículo é único, depois os alunos são direcionados para as escolas profissionais, ou para as escolas secundárias, que também oferecem cursos profissionais, ou para as escolas artísticas, que oferecem cursos de formação artística. Nosso ensino secundário, que aqui vocês chamam de ensino médio, tem duração de três anos. Terminada a formação básica de nove anos, que é comum para todos, vem então o ensino secundário de três anos, que pode ser feito em diferentes vertentes. Concluído o ensino secundário, todos os jovens podem se candidatar ao ensino superior em qualquer área sem nenhuma precedência. Entretanto, Portugal está trabalhando pela unificação do ensino básico e secundário em um único ensino. O que nós valorizamos é o desenvolvimento das pessoas, e este pode se dar tanto no ensino profissional, quanto no ensino geral inicial, pois estes têm os mesmos recursos e um sistema de aprendizagem equivalente, sendo um mais para uma área e outro para outra.

EPCT | *A sociedade em geral também considera valoroso o ensino secundário profissionalizante?*

Isso é o que nós buscamos há muitos anos. Essas escolas profissionais são recentes. Há 20 anos estamos a comungar o nascimento e a proliferação delas em todo o país. Antes da Revolução da Democracia, existia o ensino técnico, muito marcado do ponto de vista social. Era o ensino para os pobres, para os mais necessitados para quem não tinha condições de conseguir estudos, e isso ficou como uma marca nas representações sociais. Hoje já se ultrapassou muito. No ensino médio português, por exemplo, que é esse secundário de três anos, 40% dos jovens já estão matriculados em cursos profissionais em todo o país. Portanto, esse nível de ensino deu um salto muito grande entre 20 e 25 anos.

EPCT | *No Brasil temos o mesmo desafio de superar a idéia de que o ensino profissionalizante é inferior ao ensino geral...*

Agora, nós também estamos a superá-lo com mais facilidade. 20 anos é pouco para evoluírem as representações sociais, mas os resultados têm sido bons porque esses jovens têm melhores níveis de sucesso escolar que os seus colegas do ensino geral, têm melhores níveis de aproveitamento e melhor capacidade de inserção no mercado de trabalho,

além disso, podem seguir o estudo superior que quiserem. Destes, 22% querem prosseguir com os estudos e o restante ingressa no mercado de trabalho.

EPCT | *Na abertura do Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinalou que a educação profissional é estratégica para a inserção do Brasil no cenário mundial. Como o governo de Portugal entende atualmente o papel da educação profissional para o seu processo e progresso sócio-educativo?*

Está sendo feito um investimento fortíssimo na educação profissional dos jovens. Estamos expandindo a oferta de educação profissional e também de ensino superior aos jovens de 16 a 18 anos. No início do ano 2000, lançamos um programa muito importante para os adultos. A população adulta hoje é pouco escolarizada por conta da ditadura, foram quarenta anos sem investimento na educação, quase a metade do século XX sem investir na educação. E agora compramos esse atraso, mas ainda estamos com dificuldades. Por isso, lançamos o programa Novas Oportunidades, com o objetivo de criar novas oportunidades para toda a população adulta se qualificar, para ver reconhecidas, validadas e certificadas as suas competências adquiridas ao longo da vida ou no seu exercício profissional, para complementar, por exemplo, a formação em TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação – ou em uma língua estrangeira, fazendo a equivalência ao 9º e ao 12º ano, fim do ensino básico e médio. E continuamos com esse processo. Em Portugal, há 1 milhão de pessoas inscritas no programa. Ora, 1 milhão! Nós somos 10 milhões!

EPCT | *De que maneira a educação básica portuguesa prepara seus jovens para o mercado de trabalho?*

Prepara no sentido de que proporciona uma formação ampla do ponto de vista da formação de competências gerais. Em Portugal, chamamos de educação básica os nove anos iniciais, que têm um corpus comum, que eu chamo de corpus cultural, que são os instrumentos, a hierarquia de saberes, as competências gerais, a capacidade de ler, escrever e calcular. Assim, a educação básica prepara o aluno para avançar no conhecimento, situar-se no mundo, comunicar-se, distinguir e hierarquizar os saberes, traduzir informações em mais conhecimento, ter autonomia para estudar e pesquisar e trabalhar em equipe, que já é uma preparação para o trabalho. Prepara também para o saber-viver, que é entender o mundo em que se vive, saber se situar e viver em sociedade, em comunidade e solidariedade com os demais, o que também é fundamental na formação educacional.

EPCT | *A maior parte da formação educacional de Portugal é gratuita?*

Sim. Até o 9º ano é gratuito e agora até o 12º ano será gratuito, pois foi declarado obrigatório e universal a gratuidade até o fim do ensino não universitário.

EPCT | *Nós pesquisamos no seu site um pouco sobre o 10º ano profissionalizante de Portugal. Como funciona esse programa no qual os jovens devem optar por um curso de profissionalização após saírem da educação básica? Em que contexto socioeconômico surgiu a necessidade de oferecer o 10º ano escolar profissionalizante?*

Estamos falando de uma maneira muito pontual, creio que vocês aqui chamam de subsequente. No fim da formação básica de nove anos, alguns jovens, por diversas razões, não queriam prosseguir os estudos, queriam sair da escola e entrar no mercado de trabalho. Antes, isso era possível, agora não é mais não, agora é obrigatório estudar mais três anos, até o 12º ano. Como não era obrigatório, as pessoas saíam da educação básica sem qualificação do ponto de vista profissional. Dessa forma, criou-se um ano a mais de formação profissionalizante, não com o objetivo de qualificar em nível técnico intermédio de três anos, mas de proporcionar uma entrada no mercado de trabalho com o mínimo de qualificação. Então, criou-se o 10º ano, que é quase um subsequente do ensino da educação básica.

EPCT | *Qual o papel das faculdades e universidades portuguesas na preparação de profissionais para o mercado de trabalho?*

As universidades portuguesas também têm muito essa vertente profissionalizante. É claro que elas têm outras missões além da investigação e das relações de trabalho com a comunidade. É evidente que elas têm uma relação muito estreita com a formação profissional e intelectual. Resta saber até quando elas devem seguir na preparação e qualificação das pessoas em nível superior ou se devem seguir exatamente aquilo que as organizações atuais querem que sigam. Hoje, quando o jovem chega à universidade querendo estudar história, filosofia, ele se depara com a ideia de que não deve estudar, pois não há nenhuma empresa para filósofos instruídos. Assim, se a lógica é colocar a universidade a serviço de uma ditadura das necessidades das empresas, nós podemos correr o risco de deixar de lado a realização pessoal. Há muitos jovens que preferem e acham fundamental estudar antropologia, filosofia, e eu creio que isso é muito importante, essa liberdade de escolha dos jovens é importante. Outro dia, em Barcelona, o presidente de uma grande empresa foi buscar filósofos. Por quê? Porque são os que têm a melhor capacidade de ler o

mundo. É isto que se dizia aqui no fórum: combater a hiper especialização, pois uma empresa, ainda que trabalhe em uma área especializada, precisa entender o mundo para perceber como são as sociedades, as culturas e os povos, como eles estão evoluindo e também para perceber como é que ela evolui em sua capacidade de prestar um serviço mais adequado à sociedade.

Creio que nós não podemos restringir as universidades à vertente profissionalizante, pois elas têm uma dimensão mais universal, mais aberta, são para todos, são para pensar tudo, e não ficar nada de fora, e o mais importante é pensar o homem e o seu desenvolvimento integral, essa é a sua principal função.

EPCT | *Aqui no Brasil nós temos dividido a educação superior em vários níveis, por exemplo, temos os cursos tecnológicos que são bem voltados para o mercado de trabalho. Nesse sentido, como é em Portugal?*

O ensino superior em Portugal está dividido nas vertentes universitária e politécnica. Nós temos institutos superiores politécnicos e universidades, que são duas instituições distintas, em que uma forma profissionais direcionados e qualificados para o mercado de trabalho e a outra também o faz, mas numa lógica mais investigativa e menos articulada às necessidades do mercado de trabalho.

EPCT | *Na Conferência, o senhor comentou sobre a necessidade de aproximação dessas instituições de ensino superior com o mercado de trabalho. Como Portugal tem feito isto, o que as instituições educacionais fazem? Elas promovem rodadas de negócios?*

Bom, o que se tem feito nos últimos anos é tentar trazer para dentro da universidade, e até nos seus próprios órgãos de governo, órgãos de formação, o mundo exterior: as empresas, os movimentos culturais e as principais atividades sociais; é tentar trazê-los para dentro das universidades, em órgãos mesmo para consulta. Em alguns casos do ensino superior, tendo em vista fortalecer essa adequação, os cursos têm estudado a empregabilidade de seus diplomados. Os dados desses estudos são publicados anualmente e essas informações são importantes tanto para quem está entrando no mercado de trabalho quanto para quem procura o ensino superior.

“Outro dia, em Barcelona, o presidente de uma grande empresa foi buscar filósofos. Por quê? Porque são os que têm a melhor capacidade de ler o mundo.”

EPCT | *Há programas do governo de Portugal preocupados com a formação inicial e continuada dos docentes do ensino profissional? Como é que acontece?*

No ensino profissional essa preocupação ainda é pequena. Há pouco investimento para os docentes do ensino profissional e do ensino geral também. É uma lacuna bastante grande que temos de enfrentar.

EPCT | *Como os fóruns, conferências e seminários internacionais sobre educação têm contribuído para a construção de uma agenda programática, positiva, para a democratização do direito à educação básica e profissionalizante? É possível empreender uma mobilização mundial e policêntrica em torno desse assunto?*

Sim. E uma das áreas da minha investigação é exatamente sobre isso, sobre a questão que se chama o sistema educativo mundial. É cada vez maior o número de encontros, simpósios mundiais e internacionais. Há uma dinâmica promovida pela Unesco e por outras organizações internacionais que facilitam e incentivam essa articulação internacional, que, a meu ver, poderia haver bem mais e ir um pouco mais longe. A União Europeia, por exemplo, vai bastante longe nas articulações de políticas nacionais. Na questão do reconhecimento dos diplomas, que é uma questão central que nós, no âmbito de uma rede de peritos da OEI (Organização dos Estados Iberoamericanos), tentamos construir uma nova articulação que permita a mobilidade das pessoas por conhecimentos mútuos de diplomas entre os países da América do Sul, a Europa já deu um grande passo. Assim, na Europa, mais do que produzir os mesmos modelos de ensino profissional, agora é possível encontrar dinâmicas de articulação entre os países para definir as linhas comuns, os requisitos comuns, respeitando as diferenças culturais e históricas de cada país, permitindo a mobilidade entre as fronteiras, facilitada pelas línguas espanhola e portuguesa, quase que uma língua franca, pelas quais se entendem relativamente bem.

EPCT | *Como a educação profissional e tecnológica pode colaborar nas políticas de desenvolvimento sustentável?*

O ensino profissional não deve ser um ensino desgarrado da realidade dos próprios alunos nem das necessidades econômicas, sociais e culturais da sociedade, deve estar muito ligado

ao desenvolvimento social local. No caso dos portugueses, as necessidades econômicas e sociais têm sido lentamente superadas com bastante sucesso pela sustentabilidade, que, antes de mais nada, tem de repousar no desenvolvimento humano de todos. A partir da adolescência e da juventude, sobretudo, o ensino profissional tem um lugar muito importante, pois nem todos fazem o mesmo tipo de ensino e nem todos têm o mesmo tipo de expectativas e capacidades, por isso que a educação deve criar oportunidades para todos realizarem alguma atividade. E o ensino profissional deve ser de qualidade como todos os outros, pois sua missão fundamental não é ensinar os meninos a fazerem, mas aprenderem a ser fazendo, que é algo bem diferente. E é esta perspectiva que temos buscado trabalhar mais em nós: conciliar uma bagagem cultural científica, que é necessária a qualquer cidadão do século XXI, com uma articulação profissional adequada às necessidades não só locais, mais também mundiais, pois muitos de nossos jovens hoje estão ligados e articulados a redes mundiais. As fronteiras estão se desfazendo e rompendo cada vez mais, uma tendência que se acentua para o futuro. Portanto, creio que o ensino profissional tem um papel muito relevante, porque forma e qualifica as pessoas para servirem à sociedade como electricista, engenheiros, etc., profissões tão importantes quanto um jurista, um arquiteto, por exemplo. Portanto, é preciso dignificar igualmente o ensino profissional e os demais setores profissionais e laborais da sociedade, ou seja, dignificar as profissões técnicas também. O problema do ensino profissional não está na escola, está na sociedade.

EPCT | *Há em Portugal alguma avaliação ou certificação dessas escolas profissionais?*

Sim. Existem muitos relatórios de avaliação para acompanhamento e resultados, todo tipo de resultado, como funciona, quanto se gasta, quantos qualificam, quanto sucesso, quantos anos demora para qualificar uma pessoa, qual a empregabilidade dos jovens por áreas, tudo isso está registrado.

EPCT | *As escolas têm acompanhamentos de egressos?*

Sim, e é feito pelas próprias escolas. É na ótica que eu falava. Muito se fala das responsabilidades sociais das empresas. E a responsabilidade social das instituições educacionais? Uma instituição de ensino e formação tem responsabilidade social de acompanhar aqueles que ela qualificou. A instituição não pode simplesmente lançar os egressos e dizer “agora vão embora, desapareçam”. Não. Os egressos poderão encontrar

emprego na área em que se qualificaram, poderão saltar de um emprego para outro ao final de um, dois, três anos e poderão, se precisarem, ter na escola um apoio para uma qualificação ou atualização profissional de uma ou duas semanas, um, dois ou três meses. A escola deve ser uma espécie de clínica de atendimento permanente capaz de responder aquilo que é a sua missão como instituição educativa, e não empurrar as pessoas como se fosse um serviço de contabilidade: pagou? Pode ir embora. O próximo! A idéia não é essa. A responsabilidade social de uma instituição educativa vai muito mais longe.

EPCT | *E os egressos procuram e voltam às escolas?*

Eles voltam cada vez mais, à medida que percebem que há uma instituição que os acolhe. E isso também depende da maneira como saem. A educação é um desenvolvimento, a pessoa aprende e cresce ali conosco, criamos laços, por isso, ao sair, ao receber o diploma, é importante dizer à pessoa que nós continuamos com ela, e quando precisar estaremos com um gabinete de apoio para encontrar a melhor solução para que ela continue pró-ativa, feliz e realizada profissional e humanamente. Essa é a idéia, a educação tem aí um papel crucial, nós não podemos negar isto. Portanto, acredito que as escolas de formação inicial podem e devem cada vez mais evoluir para essa responsabilidade social de acompanhar seus diplomados ao longo da vida.

EPCT | *Quando o senhor foi secretário de Estado lá em Portugal qual foi a sua maior ação em prol da educação profissional?*

Foi a criação das escolas profissionais. Elas foram criadas em todo o país há 20 anos por minha equipe. Criamos cinquenta no primeiro ano, mais cinquenta no segundo ano e outras cinquenta no terceiro. E esta rede ainda hoje está toda por aí. E agora está a ampliar-se por todas as escolas secundárias, para todos os diversos cursos. Como esses cursos cresceram muito bem e com bastante sucesso, agora o Ministério da Educação decidiu criá-los em todas as escolas.

EPCT | *Existe rede privada de educação profissional em Portugal?*

Sim. As escolas profissionais inicialmente começaram com a rede pública e privada e hoje estão sendo alargadas a todas as escolas públicas também. Já temos cerca de 40% dos jovens nos cursos profissionais. E isso é muito forte.

EPCT | *Quando o senhor fala da expansão da educação profissional para as escolas públicas, isso significa que a escola passa a ser uma instituição de educação profissional ou ela guarda as duas possibilidades?*

Guarda sempre as duas possibilidades. Há cerca de 600 escolas no país que oferecem o nível secundário, o ensino médio como vocês chamam. Nas escolas secundárias públicas, havia cursos artísticos e cursos gerais e havia uma razão de quase 75-25. E o que é que se tem feito nesses últimos anos, uma vez que essas experiências estavam a dar maus resultados? Não tinham sucesso e tinham uma má representação social. O Ministério da Educação estudou essas experiências, que já têm 20 anos e não é mais uma pequena experiência, e introduziu esses cursos agora em todas as escolas. Então, em Portugal, há cerca de 150 escolas que são só profissionais e as outras 600 mesclaram os dois cursos. Daqui a um ano, todas passarão a oferecer os dois tipos de cursos. Deixará de haver aquela lógica que vem do passado, o Liceu, escola de ensino geral, propedêutica do ensino superior e a escola profissional que prepara para o mercado de trabalho, isso acabou agora.

EPCT | *Então, vocês estão implementando um processo que nós chamamos aqui de ensino integrado?*

Inclusive, não só integrado no modelo de ensino, mas integrado na mesma escola.

EPCT | *Nós tivemos uma experiência com uma lei de educação no nosso país em 1971 que tornou obrigatório o ensino profissionalizante no país, isso foi péssimo para o ensino médio porque quando ele se tornou obrigatório, as instituições não tinham capacidade de oferecer essa educação profissional e eu tenho a impressão de que o que está havendo lá é algo similar a esse processo. É isso mesmo?*

Não é bem obrigatório, não é obrigatório, é um processo lento que já vai para o 4º ano ou 5º, não deixa de ter esse problema. Isto é, há muitas escolas que eram de ensino geral, e que agora tem recursos profissionalizantes, é verdade. E estamos agora avaliando isso: por que está tendo efeitos negativos em algumas escolas? Porque elas não sabem o que é o ensino profissional. Nesse contexto, em que se transforma o ensino profissional? Num caixote com lixo para os meninos que reprovam? E nisso temos problemas, evidente, quer dizer, que nem tudo isso são rosas e precisamos acompanhar esse processo muito lentamente agora. Mas, esse problema existe claramente e nós estamos preocupados com ele, é um problema latente e que se manifesta em algumas escolas com manifestações desse tipo. Os alunos que reprovam no primeiro ano – que é o 10º, são 3 anos: 10º, 11º e 12º - e têm os piores índices são re-encaminhados

para ensino profissional e a representação social, que nós estamos tentando ultrapassar há 20 anos, volta a 1970, as pessoas voltam a dizer: “pois é, aqui, o ensino técnico é para os desgraçados, para os que reprovam.” E essa questão está provocando um grande debate hoje. Isso é um problema. Mas, digamos que a medida política em si é positiva, está correta? Agora o seu caráter apressado - vamos fazer isto rápido e... - tem esses contras, né. O sucesso das escolas profissionais depende de vencer vários fatores, um deles é que as escolas são de pequena e são escolas muito dirigidas a uma lógica, como é que eu vou dizer, há uma cultura profissional: os professores, os alunos, as famílias, todos estão ali numa escola profissional, a cultura dentro dela é profissional, há muita obrigação ao mercado, às organizações sociais, às empresas, porque a escola é profissional. Ora, um Liceu, uma escola secundária nunca teve essa preocupação e, portanto, por vezes, é uma espécie de violência obrigá-las a ter um curso, dois cursos profissionais e, ainda por cima, entre mil alunos tem um curso profissional, dois cursos profissionais. E pra que isso serve? Para empurrar, quer dizer, não assumir dentro de uma cultura profissional e esse é um dos problemas que temos hoje, mas creio que se for bem acompanhado pode ser superado. É irreversível isso. Porque não é criar uma rede nova, é inserirmos numa rede que já existe que é uma rede estável que é a rede de escolas secundárias públicas.

EPCT | *Professor, existem vários cursos em cada uma dessas escolas? São vários cursos profissionais?*

Sim. Os cursos profissionais estão divididos em vinte áreas profissionais, áreas, digamos, do saber ligadas às tecnologias e dentro de cada área pode haver dois ou três cursos. As escolas tanto podem oferecer um curso ou outro em função das necessidades do público-alvo, da capacitação do corpo docente, das instalações e dos equipamentos que o ensino profissional requer.

EPCT | *Teve algum revezamento de professores da rede para essas escolas oferecerem essa nova modalidade de ensino até o 12º ano ou houve contratação de novos professores?*

Houve contratação de novos professores. A escola, em cooperação com o Ministério da Educação e com outra rede já existente, contratou e escolheu a área para não criar sobreposições. Um artigo que escrevi à revista argentina Proposta Educativa, de número 30, explica como as escolas profissionais nasceram e se desenvolveram. O artigo ajuda-nos a perceber esta transição e fala também dos perigos dela e da necessidade de fazê-la com muita precaução.

EPCT | *Depois de 100 anos de educação técnica e profissional no Brasil, ao contrário do que se esperava – a integração maior entre a rede que já existia e a rede não profissional, criou-se uma nova rede, uma nova expressão que, inclusive, concorre, por exemplo: eu tenho uma rede de educação profissional que está vinculada ao Estado diretamente que é a rede federal e eu tenho uma rede profissional que é do Estado local...*

Eu sei, já me falaram disso. Agora nós estamos fazendo outra coisa que ainda é mais interessante desse ponto de vista que é receber a população adulta para fazer a formação nas novas oportunidades. Nesse programa, recebemos a população adulta para realmente reconhecer, validar e certificar o saber que essas pessoas construíram ao longo da vida. Essa certificação se faz nas

escolas secundárias. As escolas estão abertas desde manhã cedo até a meia noite porque tem curso da formação inicial. Depois das cinco e meia da tarde, quando os alunos jovens vão embora, entra a população adulta, é onde entram os pais dos que estão de dia. Eles criam uma dinâmica social muito interessante de valorização do conhecimento, do saber, com ganhos incríveis porque são pais de aluno que ficaram com a quarta classe, quarta série como vocês dizem e que nunca mais estudaram, é um grupo de analfabetos que vêm à escola de novo, que ganham gosto por saber e que depois vão pra casa fazer uma coisa que nunca fizeram, que é incentivar os filhos - tem que estudar, tem que estudar! E é isso que faz aumentar a escolarização no país.